

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

O sexo faz parte da rotina de alunos e muitos também consomem álcool no intervalo das aulas. Secretaria de Educação está ampliando programa de combate às drogas nos centros de ensino

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press



ESTUDANTES FAZEM VAQUINHA PARA COMPRAR CERVEJA, PINGA E VODCA. CERCA DE 1,6 MIL ADIMITEM BEBER TODOS OS DIAS. JÁ AS MENINAS SOFREM COM O ASSÉDIO PARA "FICAR" COM OS MENINOS. PROFESSORES, ÀS VEZES, PRECISAM AFASTAR CASAIS

Espaço para bebidas e assédio

ERIKA KLINGL E
DIEGO AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Júlio* já viu um amigo bater na garota porque ela não quis ficar com ele. Um único amigo não. Vários colegas do Centro de Ensino Médio 404 de Santa Maria já cometem essa violência contra meninas. Certa vez, o diretor teve de ser chamado para acalmar os ânimos de um estudante em fúria porque uma menina se recusou beijá-lo. "O cara estava a fim mesmo, parecia estuprador", lembra. A descrição é ainda mais assustadora quando imaginada dentro do pátio do colégio. O próprio Júlio já fez, do espaço destinado ao aprendizado, uma espécie de motel.

O aluno do primeiro ano manteve relações sexuais na saia apertada onde os funcionários da limpeza guardam o material. Combinou com a garota durante o intervalo das aulas. "Ela era minha 'pegueite', deu mole e tal, olhou para o lado, aí já era", gaba-se. Ele jura, no entanto, que não fez nada à força.

Na pesquisa encomendada pela Secretaria de Educação, a violência sexual se revela. Nada menos que 39% dos alunos, o equivalente a 72.366 estudantes contam saber de colegas tentando beijar à força outros alunos. Forçar um ato sexual, ou seja, tentativa de estupro, é uma realidade conhecida por 15.394 alunos.

Em Brazlândia, Karina* e Camila* do Centro de Ensino 3 dizem que os meninos ficam irritados quando elas não querem "ficar" com eles na escola. "Mas têm umas que dão ousadia também, que gostam de provocar", ressalta Karina, de 14 anos, do 1º ano



Fonte: Secretaria de Educação

Na minha opinião os alunos destes anos são muito mal educados. São cada vez mais os meninos que querem valer de tudo e vergonha meus amigos como os meninos desses alunos só tem

Eu tenho medo que as pessoas desse colégio falem algo comigo em tempo muito rápido e que é que domine a violência que eu quero de verdade.

NAS REDAÇÕES, ALUNOS EXPRESSAM SUAS ANGÚSTIAS E PERCEPÇÕES DA ESCOLA ONDE ESTUDAM. RECLAMAÇÕES E MEDO APARECEM NAS MENSAGENS

do ensino médio. Ela namora um rapaz de 23 anos que já terminou os estudos. Ele a deixa e busca, a pé, na porta do colégio todos os dias. "Vigiar, né? Porque homem é tudo sem vergonha", justifica o jovem. "Mas eu não dou ousadia. Só me chamam de gostosa", diz ela. "Isso não deixa de ser ofensa", retruca ele, enciumado.

À força ou não, o namoro dos estudantes ocorre sem vergonha

no pátio e até dentro de salas. Uma professora do Centro de Ensino Fundamental 4 do Guará, conta que às vezes se vê obrigada a separar alguns casais: "Se deixar, rola tudo na sala. As meninas sentam no colo, se esfregam nos meninos, é um fogo danado".

Garrafas suspeitas

O namoro, muitas vezes, é regado a álcool ou, pior, drogas. Para res-

ponder a essa realidade, a Secretaria de Educação pretende aumentar o número de alunos atendidos pelo Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd), da Secretaria de Segurança Pública que, neste ano, formou 5 mil estudantes. "A proposta foi um sucesso este ano. Eles aprendem sobre os danos e acabam virando multiplicadores de uma política contra as drogas", afirma o secretário José Luiz Valente. "Vamos fortalecer a parceria com a Polícia Militar para enfrentar essa complicada realidade."

A turma marca de se encontrar em frente à escola. Dali, segue para comprar refrigerante e alguma bebida alcoólica no supermercado. Pode ser vodca, pinga, cachaça, o que der para levar com o dinheiro acumulado entre todos. Em outras garrafas plásticas, eles

misturam o álcool com o refrigerante, colocam dentro das mochilas e voltam para a escola. Entre uma aula e outra ou nas constantes idas ao banheiro, as garrafas passam de mão em mão. E as go-ladas vão fazendo efeito. "É normal. Já teve aluno que entrou em coma alcoólico por causa disso", conta, com naturalidade, Mariana*, uma menina de 16 anos, estudante do 1º ano do Centro de Ensino Médio 417 de Santa Maria.

O álcool é consumido, diariamente, por 0,9% dos estudantes. Parece pouco? De acordo com a responsável pelo levantamento, a socióloga Miriam Abramovay, da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla), em matéria de violência, qualquer percentual é preocupante. Além disso, no caso da rede do DF, esse quase 1% equivale a 1.620 estudantes que reconhecem beber todos os dias. Outros 10.447 contam que bebem todos os fins de semana. "Os números são altos mas a percepção dos professores é ainda pior: 66,3% deles disseram que, pelo menos, alguns dos alunos da turma costumam beber.

Aluno bêbado é aluno que não tem medo de professor. Um passeio a um clube organizado pelo CED 3 de Brazlândia, no ano passado, acabou mal. Um professor percebeu a bebedeira e foi conversar com os estudantes. Levou um soco e só não apanhou mais porque outras pessoas contiveram o garoto alterado pelo efeito do álcool. "Já fui expulso demais de sala porque estava bêbado", assume um jovem de 21 anos, ex-aluno do Centro de Ensino Médio 404 de Santa Maria. Quando não era na escola, ele matava aula para beber. "Só para curtir uma viagem. Estudar é chato demais."